



Martins Junior, A. (2020). Sociologia crítica e (Proto)Interseccional de Du Bois: Contribuições aos debates contemporâneos sobre gênero, interseccionalidade, marxismo e teoria crítica da “raça”. *Revista da ABPN*, 12(33), 649. <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2020>

Publisher's PDF, also known as Version of record

License (if available):
CC BY

Link to published version (if available):
[10.31418/2177-2770.2020](https://doi.org/10.31418/2177-2770.2020)

[Link to publication record in Explore Bristol Research](#)
PDF-document

University of Bristol - Explore Bristol Research

General rights

This document is made available in accordance with publisher policies. Please cite only the published version using the reference above. Full terms of use are available:
<http://www.bristol.ac.uk/red/research-policy/pure/user-guides/ebr-terms/>



SOCIOLOGIA CRÍTICA E (PROTO)INTERSECCIONAL DE DU BOIS: CONTRIBUIÇÕES AOS DEBATES CONTEMPORÂNEOS SOBRE GÊNERO, INTERSECCIONALIDADE, MARXISMO E TEORIA CRÍTICA DA “RAÇA”¹

Angelo Martins Jr²

Resumo: Neste artigo, discuto como a análise sociológica crítica e (proto)interseccional de Du Bois, a qual demonstra conexões entre, e é simultaneamente crítica ao, racismo, sexismo, capitalismo e colonialismo, não apenas precedeu, mas também continua a influenciar discussões sobre gênero, “raça” e classe presentes nos debates contemporâneos da sociologia de gênero, do feminismo negro e interseccional, assim como do marxismo e da “teoria crítica da raça”. A partir disso, demonstrarei como a obra de Du Bois ofereceu e continua a oferecer sérias contribuições para o conhecimento social, ajudando-nos a compreender (e a criticar) simultaneamente o racismo, sexismo e capitalismo como sistemas (interligados) de exploração, marginalização e violência. Assim farei a partir da leitura de citações diretas extraídas do trabalho de Du Bois, principalmente de obras que ainda não foram traduzidas para o português.

Palavras-chave: Du Bois, interseccionalidade, “raça”, classe, gênero

DU BOIS' CRITICAL AND (PROTO)INTERSECTIONAL SOCIOLOGY: CONTRIBUTIONS TO CONTEMPORARY DEBATES ON GENDER, INTERSECTIONALITY, MARXISM AND CRITICAL RACE THEORY

Abstract: In this article, I analyse how Du Bois' critical and (proto)intersectional sociological analysis, which demonstrates connections between, and is simultaneously critical of, racism, sexism, capitalism and colonialism, not only preceded, but also continues to influence, discussions on gender, race and class in contemporary debates of sociology of gender, black and intersectional feminism, as well as Marxism and critical race theory. By doing that, I will demonstrate how Du Bois's work has offered important

¹ Artigo resultado da pesquisa em andamento “*Modern Marronage?: pursuit and practice of freedom in the contemporary world*”, financiada pelo *European Research Council*.

² Doutor em Sociologia pela Goldsmiths College – University of London. Pesquisador Associado da *School of Sociology Politics and International Studies, University of Bristol*, Reino Unido. E-mail: angelo.martinsjunior@bristol.ac.uk



Como demonstrado nos demais artigos que fazem parte desta coletânea biográfica (BACK, 2020; MORRISON, 2020; RABAKA, 2020; TUKUFU, 2020), a produção intelectual de Du Bois é tão longa, diversa e complexa como foi a sua própria vida. William Edward Burghardt Du Bois nasceu em 23 de fevereiro de 1868 e viveu até 27 de agosto de 1963 - mesmo ano em que havia se tornado um cidadão naturalizado de Gana. Du Bois graduou-se pela Universidade de Fisk e pela Universidade de Harvard - local onde obteve seu título de mestre e onde mais tarde se tornou o primeiro afro-americano a obter um doutorado na instituição, em história, aos 27 anos. Em uma carreira de sete décadas, Du Bois fez mais de 300 falas, escreveu 23 livros (acadêmicos e literários), 400 artigos, diversas poesias, e um número incontável de relatórios e artigos científicos, ensaios, resenhas de livros e artigos para colunas de jornal (Suggs e Smith, 2009). Embora o extenso volume de artigos, livros, ensaios e textos literários não poderiam, por si só, comprovar o valor de sua obra, é fato, emprestando aqui a afirmação de Aldon Nielsen (2008), que existem poucas áreas do conhecimento social “moderno” que Du Bois não tenha tocado e afetado com seu trabalho. Em sua longa trajetória de quase 100 anos de vida, Du Bois atuou como ativista dos direitos civis, líder pan-africanista, sociólogo, educador, historiador, professor de economia, escritor, editor, poeta e acadêmico (GATES, 2007; HORNE, 2001; LEWIS, 1993).

Apesar da formação em história, Du Bois não só foi um dos fundadores da sociologia norte-americana como também marcou a disciplina. Du Bois desenvolveu a primeira escola científica de sociologia no país ainda no final do século XIX, na Universidade de Atlanta (1895), duas décadas antes da formação da famosa escola de sociologia da Universidade de Chicago (1915). Em seus primeiros estudos científicos, ele foi pioneiro ao desenvolver pesquisa empírica rigorosa, desenvolvendo e trabalhando com *surveys*, entrevistas e observações densas e participantes - além de ser um dos primeiros a realizar análises estruturais da desigualdade social (e racial), quando muitos ainda eram influenciados por explicações biológicas (Morris, 2015). Em suas pesquisas, Du Bois ofereceu análises científicas importantes para grandes questões sociais, culturais e políticas de seu tempo, como, por exemplo: “raça” e racismo no contexto da (e pós) escravidão nos EUA; conexões e continuidades existentes entre colonialismo e capitalismo; relação entre “raça” e classe moldando as desigualdades sociais e raciais nos EUA escravocrata e no pós-emancipação; e o papel social, político e econômico da



mulher, especificamente da mulher negra, na manutenção e reprodução do colonialismo e capitalismo (Rabaka, 2017; Watkins, 2016). Apesar disso, como demonstra Aldon Morris (2015), a sociologia, predominantemente branca, ignorou o pioneirismo de Du Bois e o seu papel como um dos fundadores da disciplina norte-americana, marginalizando (e muitas vezes negando) suas contribuições na história da sociologia. O corpo de estudos em torno de sua vida e produção intelectual, no entanto, tem, mais recentemente, crescido exponencialmente em quantidade e em importância crítica, dando a devida relevância histórica e contemporânea para as análises de Du Bois (MYERS, 2019; WATKINS, 2016; MORRIS, 2015; GATES, 2007; GILLMAN E WEINBAUM, 2007; CARBY, 2007; GRIFFIN, 2000; JAMES, 1997).

Neste artigo, demonstro como a análise sociológica crítica e interseccional de Du Bois, a qual demonstra conexões entre, e é simultaneamente crítica ao racismo, sexismo, capitalismo e colonialismo, não apenas precedeu, mas também continua a influenciar discussões sobre gênero, “raça” e classe presentes nos debates contemporâneos da sociologia de gênero, do feminismo negro e interseccional, assim como do marxismo e da “teoria crítica da raça”. Assim farei a partir da leitura de citações diretas extraídas do trabalho de Du Bois, principalmente das obras *Darkwater* (1999 [1920]), *Dusk of Dawn* (1968 [1940]) e *Black Reconstruction in America* (2013 [1935]), as quais ainda não foram traduzidas para o português. O intuito aqui não é apenas dizer quais foram as contribuições de Du Bois nas áreas mencionadas acima, mas também demonstrar e ilustrar tais contribuições a partir de um diálogo com trechos de sua obra, proporcionando ao leitor um contato direto com os argumentos do autor.

DU BOIS E A “QUESTÃO DA MULHER”

Du Bois ofereceu contribuições iniciais importantes para o que depois passou a ser instituído como sociologia de gênero, ao refletir sobre “a questão da mulher” e as ideias dominantes acerca da feminilidade e da maternidade. Apesar de haver discussões no século XIX e no início do século XX sobre a “questão da mulher” (*the woman question*), com ativistas, escritores e escritoras, pretas e brancas, como Cicely Hamilton, Charlotte Perkins Gilman, Anna Julia Cooper e Ida B. Wells, questionando a posição da mulher na sociedade, o direito ao voto das mulheres e a relação entre masculinidade e



poder, o gênero como tipo de categoria analítica que conhecemos não existia até a última parte do século passado (GRIFFIN, 2000). Tais discussões também não chegaram ao centro do que estava se estabelecendo como pensamento sociológico. Pelo contrário, os considerados fundadores do pensamento sociológico, os quais procuravam entender as rápidas mudanças sociais provocadas pela ascensão do capitalismo industrial no século XIX e início do XX, não apenas eram homens, como também prestavam pouca atenção a questões de gênero e sexualidade, apesar das transformações sociais que os preocupavam implicarem em grandes mudanças na vida familiar, nas relações entre homens e mulheres e nas ideias acerca de masculinidade e feminilidade (SEIDMAN, 1997). Como sabemos, na maior parte dos casos, sociólogos estudaram, por um longo período, o mundo dos homens como se estes constituíssem o conjunto da sociedade. Isso não apenas tornou as mulheres invisíveis, mas também ocultou as características de gênero presentes na constituição das posições sociais, das atividades e identidades dos homens. Mesmo quando as mulheres eram incluídas no pensamento sociológico, sua posição na sociedade era frequentemente considerada como algo “natural”, ou, na melhor das hipóteses, era pensado em termos de “papéis/divisões” sociais, e ainda assim, não problematizados (JACKSON e SCOTT, 2002: 1).

No século XIX e início do século XX, período em quem Du Bois escrevia (contemporaneamente ao estabelecimento do pensamento sociológico), o ideal dominante acerca da mulher e da feminilidade (*womahood*) era representado pelo chamado ‘culto da mulher verdadeira’ (KEISTER, 2011), o qual a construía como naturalmente/biologicamente programada para o cuidado da família e do lar; mulheres eram tidas como criaturas frágeis, inocentes e dóceis as quais deveriam ocupar apenas o espaço privado/doméstico, requerendo, assim, a proteção de homens viris e cavalheirescos que tinham o espaço público, por outro lado, como seu lugar natural. Du Bois, contudo, não só foi um defensor do sufrágio das mulheres (escreveu vários ensaios sobre isso), como também considerou problemática a posicionalidade das mulheres na sociedade, assim como as ideias dominantes e estereótipos acerca da feminilidade e da maternidade (ver WATKINS, 2016; 2016B; GILLMAN e WEINBAUM, 2007).

No capítulo ‘*The Damnation of Women*’, do livro ‘*Darkwater: Voices from within the Veil*’ (1999 [1920]), Du Bois, vê como um desafio essencial para as nações a necessidade de criarmos uma sociedade em que as mulheres poderiam viver as vidas que



se acomodassem aos desejos de suas “próprias almas”, uma vez que, para ele, as mulheres “não existem não para si mesmas, mas para os homens; elas são nomeadas em homenagem aos homens com quem elas estavam relacionadas e não à vontade de suas próprias almas [...] elas não eram seres, eram relações” (DU BOIS, 1999 [1920], p. 95). A partir deste entendimento, Du Bois já se posicionava criticamente ao discurso dominante de que “o lugar da mulher era o espaço privado (casa)”, uma vez que ele compreendia o papel da mulher na vida privada, pública e econômica como central na manutenção do sistema capitalista. Para ele, a posição social das mulheres estava intrinsicamente ligada a ideia, socialmente construída, de maternidade e o seu lugar na vida pública:

“O mundo quer bebês saudáveis e trabalhadores inteligentes. Hoje nos recusamos a permitir tal combinação e forçamos milhares de trabalhadores inteligentes a ficarem sem filhos, com um horrível custo de força moral, ou os condenamos se eles violarem nossas convenções idiotas. Somente com o sacrifício da inteligência e a chance de fazer o melhor trabalho é que a maioria das mulheres modernas gera filhos. Esta é a condenação das mulheres ... A futura mulher deve ter uma vida profissional e independência econômica. Ela deve ter conhecimento. Ela deve ter o direito de ser mãe a seu próprio critério” (DU BOIS, 1999 [1920], p.96).

Ao apontar e questionar o papel e a posição da mulher, socialmente construídos, na sociedade, Du Bois ofereceu contribuições importantes para o que depois passou a ser instituído como sociologia de gênero - tanto que intelectuais especialistas em discussões de gênero, feminismo e ativismo negro passaram a se voltar criticamente, e mais atentamente, para a obra de Du Bois e seu legado nas últimas décadas (WATKINS, 2016; 2016B; GILLMAN E WEINBAUM, 2007; CARBY, 2007; GRIFFIN, 2000; JAMES, 1997). Como demonstra Farah Jasmine Griffin (2000), muitas intelectuais feministas negras reconhecem os esforços presentes na obra de Du Bois em nome das mulheres negras e o reivindicam como um ancestral intelectual. Contudo, essas autoras também reconhecem o sexismo presente na obra e na linguagem acadêmica e literária de Du Bois. Os trabalhos de Hazel Carby (1998) e Joy James (1997), discutem o fato de que Du Bois, principalmente em sua obra *"The Study of the Negro Problems"* (1898), “apaga” a experiência das mulheres negras sob a rubrica do “negro”; além disso, sua análise seria articulada numa linguagem “masculinista” e os intelectuais, aqueles que analisam os



“problemas dos negros”, são sempre homens. A crítica se estende mesmo quando Du Bois olha especificamente para a experiência de mulheres negras distintamente, uma vez que elas frequentemente aparecem como mães, trabalhadoras e ativistas, mas nunca como intelectuais - como no capítulo ‘*The Damnation of Women*’ (1999 [1920]). Contudo, como afirma Griffin (2000), intelectuais feministas negras contemporâneas, mesmo quando criticam algumas das “falhas” de Du Bois em relação a questões de gênero, reconhecem que ele estava “falando/escrevendo a língua” de seu tempo - a qual também ‘refletia os efeitos ideológicos das estruturas, de pensamento e sentimento, de gênero’ da época (CARBY, 2007:237). Além disso, a contribuição de Du Bois para o campo não ficou apenas na discussão sobre “a questão e o papel” da mulher. Ao olhar, em suas análises, para as interações entre classe, “raça” e gênero, Du Bois também apresentou reflexões anti-essencialistas e interseccionais - as quais anteciparam e influenciaram discussões contemporâneas presentes no feminismo negro e interseccional.

DU BOIS “ANTI-ESSENCIALISTA” E (PROTO) INTERSECCIONAL

Sugerir que Du Bois foi um teórico da interseccionalidade seria uma afirmação anacrônica e incompleta, como argumenta Ange-Marie Hancock (2005). Contudo, a teoria da interseccionalidade faz afirmações gerais que são pressagiadas pela teoria e análises anti-essencialistas de Du Bois no que diz respeito à importância de compreendermos não só a relação e relevância simultânea entre as categorias “raça”, gênero e classe, mas também as ramificações e desigualdades políticas, sociais e econômicas que emergem de tais relações (DU BOIS, 1903; 1999[1920]; 1968 [1940]).

Ativistas negras, ainda no século XIX, já contestavam o ideal homogeneizante e essencialista de feminilidade e “irmandade global”, como fez a ex-escravizada, Sojourner Truth, em seu discurso, “Aint I a woman”, proferido na convenção de direitos das mulheres em Akron, Ohio, em 1852. Contudo, foi na década de 1970 e 80 que feministas negras e pensadoras da “teoria crítica da raça” publicaram textos cruciais sobre o que significa “ser mulher” sob diferentes circunstâncias históricas (Crenshaw 1989; Mohanty, 1988; Feminist Review, 1984; Davis, 1981; hooks 1981; Collins, 2016). Tais pensadoras defendiam a necessidade de entender o processo de racialização de gênero, uma vez que mulheres negras viviam um tipo de opressão diferente e mais intenso do que as mulheres



brancas. O conceito de interseccionalidade nasce mais tarde a partir de tais discussões, referindo-se à uma análise anti-essencialista a qual postula um relacionamento interativo e mutuamente constitutivo entre os chamados marcadores da diferença: padrões culturais, sociais e políticos de opressão são conectados e moldados através da intersecção de categorias sociais, como classe, gênero, “raça” e etnia (Collins, 1990, 2016; Crenshaw, 1991; Anthias e Yuval-Davis, 1992). Assim, o conceito de interseccionalidade tornou-se fundamental nas discussões contemporâneas que buscam fornecer ferramentas analíticas para compreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades em contextos específicos. O conceito tem sido aplicado ao estudo de muitas outras relações sociais de poder além de gênero, classe e “raça”, incluindo sexualidade, deficiência, nação e Estado (HARJUNEN, 2008; BRAH e PHOENIX, 2004; ANTHIAS e YUVAL-DAVIS, 1992, PUWAR, 2004). Como consequência, o conceito influenciou não apenas os debates contemporâneos feministas, mas também os pós- e decoloniais (SHOHAT, 1992; MCCLINTOCK, 1995; GROSGOUEL, 2011), assim como a chamada “teoria crítica da raça” (CRENSHAW *et al.*, 1995).

Du Bois, na passagem do século XIX para o século XX, já oferecia um tipo de abordagem anti-essencialista e feminista (proto) interseccional que articula gênero e “raça” ao argumentar, por exemplo, que a ideia dominante de feminilidade não é vivida da mesma maneira por mulheres brancas e pretas. Refletindo sobre os direitos da mulher, ele pergunta, “mas e as mulheres negras? O mundo que deseja venerar a mulher, cuidadosamente se esquece de suas irmãs mais “escuras”” (DU BOIS, 1999 [1920], p. 96). Ao longo do livro *Darkwater*, Du Bois traz várias passagens que destacam as diferenças existentes nas formas de opressão sofridas por mulheres brancas e pretas. Ele faz referências em diferentes momentos, por exemplo, ao estupro, sancionado pelo Estado, das mulheres negras escravizadas (e de suas descendentes).

Colônias, como as chamamos, esses lugares onde os “negros” são baratos e a terra é rica; são os territórios onde, como um enxame de gafanhotos famintos, os mestres brancos podem se estabelecer para serem servos de reis, empunham o chicote de escravos, estupram meninas e esposas, ficam tão ricos quanto [o Rei] Cresco e enviam para casa uma correnteza de ouro” (1999 [1920], p. 25-26) [...] Eles viram o surgimento da escravidão, ignorantes pela lei e pela maldade, esmagados pelo insulto e debochados pela injustiça sistemática e criminal. Eles viram um povo cujas mulheres desamparadas foram estupradas aos milhares e



do meu sonho de solidariedade racial e apesar do meu profundo desejo de servir, seguir e pensar, em vez de liderar, inspirar e decidir, de repente me vi o líder de uma grande ala de pessoas lutando contra outra ala maior (DU BOIS, 1999 [1920], p.12). Como consequência de tais conflitos, Du Bois passou a olhar mais atentamente para a diversidade existente dentro da “comunidade negra”. Ele foi, por exemplo, o primeiro a refletir publicamente, a partir de uma perspectiva acadêmica, sobre as diferenças de classe (e suas consequências), existentes na comunidade negra (Levering Lewis, 1993). Em *Dusk of Dawn*, por exemplo, Du Bois questiona uma ideia monolítica e homogênea acerca da população negra (e também branca), ao chamar a atenção para o fato que:

A cultura do branco da classe alta é frequentemente considerada típica de todos os brancos, enquanto os negros são geralmente considerados “como uma massa indiferenciada da classe baixa” e a cultura do negro da classe mais baixa é considerada típica de todos os negros. Nem negros nem brancos são um grupo homogêneo (DU BOIS, 1968[1940], p.xix).

Ainda nessa linha, Du Bois também analisou como a “linha da raça”, para ele, também não era completamente fixa - o que Stuart Hall (1997) mais tarde chamou de “significante flutuante” -, resultando em processos de diferenciação (e racialização) dentro do próprio grupo:

Apesar de tudo, as linhas da raça não eram fixas e rápidas. Dentro do grupo negro, havia pessoas de todas as cores. Também havia muitos amigos de cor que se ressentiram da minha lealdade ultra-racial e a ridicularizaram. Eles apontavam que eu não era um 'negro', mas um mulato; que eu não era sulista, mas nortista, e meu objetivo era ser americano e não negro; que distinções raciais devem desaparecer. Eu concordei com isso em parte e como ideal, mas vi que isso levava à distinção racial interna no grupo de cor (DU BOIS, 1968[1940], p. 101-102).

Apesar de Du Bois analisar como divergências, conflitos e opiniões públicas emergiam a partir de diferenças internas, como demonstra Hancock (2005), ele era veemente contra a ideia de que a “solidariedade de grupo” necessariamente dependia da, ou igualava-se à “uniformidade de grupo” ou do silenciamento de vozes dissidentes. Apesar de Du Bois discordar das posições e pensamento de Booker T. Washington, por exemplo, Du Bois nunca questionou a posição de Washington, em si, como membro da



comunidade negra, nem censurou sua crítica com o objetivo de fornecer uma “frente negra” unida, única, para a América, como ele mesmo diz:

Além disso, há entre os homens de cor, educados e atenciosos, em todas as partes da terra, sentimento de profundo pesar, tristeza e apreensão diante da ampla popularidade e aceitação que algumas das ideias de Washington ganharam [...] Críticas honestas e sinceras daqueles cujos interesses são os mais tocados - críticas aos escritores por parte do leitores, ao governo por parte dos governados, aos líderes por parte dos liderados - essa é a alma da democracia e a salvaguarda da sociedade moderna (DU BOIS, 1968 [1903], p. 243).

DU BOIS E O ENGAJAMENTO CRÍTICO COM O MARXISMO: “RAÇA”, CLASSE, COLONIALISMO E CAPITALISMO

A perspectiva anti-essencialista e (proto) interseccional de Du Bois, a qual relaciona “raça” e classe, assim como colonialismo e capitalismo, também precedeu e continua a influenciar diversas discussões contemporâneas presentes nos estudos sobre movimento dos trabalhadores, racismo, capitalismo e identidade de classe e racial. Em várias passagens de suas obras *Darkwater* (1999 [1920]), *Black Reconstruction* (1935) e *Dusk of Dawn* (1968 [1940]), Du Bois fala sobre a relevância mútua, e as relações existentes, entre “raça” e classe em suas análises. Em *Dusk of Dawn*, por exemplo, ele explica como seu desenvolvimento intelectual e experiência com movimentos de trabalhadores o levaram em direção a esse tipo de análise ao perceber que nas greves de “trabalhadores assalariados e proprietários de pequenos pedaços de terra”, chamavam-lhe a atenção o fato de que, “em sua maioria, eram greves de trabalhadores liderados por organizações às quais os negros não eram admitidos” (1968 [1940]:53). Assim, ao analisar a relação entre “raça” e classe, Du Bois ofereceu críticas importantes aos movimentos dos trabalhadores e ao partido socialista por não compreenderem as conexões globais existentes nas desigualdades de classe e de “raça” e por não incorporarem a luta contra o racismo na luta de classes:

Até o instável movimento sobre o qual havíamos depositado grandes esperanças de paz eterna - a guilda dos trabalhadores - a frente daquele movimento muito importante pela justiça humana sobre o qual construímos, mesmo ele voou como um canudo diante do sopro de reis e Kaisers. De fato, o voo havia sido prenunciado quando, na Alemanha e na América, os socialistas "internacionais"



trabalho negro na América sofre por causa das ações fundamentais de todo o sistema capitalista, o grau de sofrimento mais baixo e mais fatal não vem dos capitalistas, mas de colegas trabalhadores brancos. É o trabalho branco que priva o negro de seu direito de voto, nega-lhe educação, nega-lhe afiliação com sindicatos, expulsa-o de casas e bairros decentes e coloca sobre ele os insultos públicos da discriminação de cor (p. 104) [...] na América, vimos uma disputa selvagem e implacável de grupos de trabalhadores entre si, a fim de alcançar a riqueza nas costas do trabalho negro e dos imigrantes estrangeiros. Os irlandeses subiram nos negros. Os alemães passaram por cima dos negros e imitaram os irlandeses. Os escandinavos lutaram para avançar ao lado dos alemães e italianos e os "bohunks" [leste europeus] estão se aglomerando, deixando os negros ainda no fundo, acorrentados ao desamparo, primeiro pela escravidão, depois pela privação de direitos e sempre pela barreira da cor [...] Como agora a filosofia de Karl Marx se aplica hoje ao "trabalho de cor"? Antes de tudo, o "trabalho de cor" não tem um terreno comum com o trabalho branco. Nenhum soviético tecnocratas faria mais do que explorar o "trabalho de cor" para elevar o status dos brancos. Nenhuma revolta de um proletariado branco poderia ser iniciada se seu objetivo fosse fazer dos trabalhadores negros seus iguais econômicos, políticos e sociais. É por essa razão que o socialismo americano há cinquenta anos tem se silenciado em relação ao problema dos negros, e os comunistas não conseguem nem ter uma audiência/plateia decente na América a menos que comecem expulsando os negros [...] A filosofia marxista é um verdadeiro diagnóstico da situação na Europa, em meados do século XIX, apesar de algumas de suas dificuldades lógicas. Mas deve ser modificada nos Estados Unidos da América e, especialmente, no que diz respeito ao grupo negro. O negro é explorado em um grau que significa pobreza, crime, delinquência e indigência. E essa exploração não vem de uma classe capitalista negra, mas dos capitalistas brancos e igualmente do proletariado branco (p. 104).

A partir de seu engajamento crítico com o marxismo, Du Bois questionava, então, a afirmativa de que todos os trabalhadores do mundo se uniriam em torno da causa proletária. Para ele, haveria momentos em que os trabalhadores brancos privilegiariam seu status social, como brancos, acima dos interesses e da solidariedade ("inter-racial") de classe. Du Bois desenvolve essa ideia em seu livro *Black Reconstruction in America* (2013 [1935]), quando analisou o que aconteceu no sul dos Estados Unidos durante o período de Reconstrução (1865-1877), onde a maioria da população, branca e preta, estava sofrendo com alto níveis de desemprego e pobreza. Para Du Bois, a reconstrução americana era um momento histórico no qual parecia haver a potencialidade de coalizão "inter-racial" de trabalhadores em prol de reformas e benefícios materiais que poderiam melhorar a vida de trabalhadores "brancos" e "não brancos" - como reforma agrária, acesso à educação pública, direitos trabalhistas etc. Contudo, Du Bois demonstra como, na



realidade, os benefícios psicológicos, simbólicos e materiais atrelados a “branquitude” foram utilizados para dividir e conquistar os trabalhadores.

O grupo de trabalhadores brancos, apesar de receber um salário baixo, foi compensado em parte por uma espécie de “salário [remuneração] público e psicológico”. Eles receberam deferência pública e títulos de cortesia por serem brancos. Eles foram admitidos, livremente com todas as classes de brancos, em funções públicas, em parques públicos e nas melhores escolas (2013 [1935], p. 626).

Assim, Du Bois argumenta que a “branquitude” servia como uma forma de remuneração, um salário público e psicológico”, fornecendo aos brancos pobres do século XIX e início do século XX um status social valioso o qual os garantia acesso a bens e serviços, assim como distinção social em relação aos “não brancos”. Para ele a “branquitude” ofereceria, portanto, uma “compensação” significativa, não apenas monetária, para os trabalhadores brancos explorados pelo capitalismo. Contudo, o valor da “branquitude” depende, necessariamente, da desvalorização da existência negra, o que afetaria a formação de coalizões políticas entre trabalhadores “brancos” e “não brancos”. Para Du Bois, este sistema de “compensação racial” funcionava não apenas para trabalhadores brancos do sul e do norte dos EUA, mas também para imigrantes europeus que chegavam no país, mesmo entre aqueles que também eram estigmatizados como “corpos degradados” nos EUA, como no caso dos irlandeses e judeus russos:

Em vez de ser um grande exemplo do sucesso da democracia e da possibilidade da irmandade humana, a América tomou seu lugar como um terrível exemplo de suas armadilhas e fracassos, no que diz respeito aos povos negros, pardos e amarelos... Os Estados Unidos, terra da democracia, queriam acreditar no fracasso da democracia no que diz respeito aos povos mais escuros. Absolutamente sem desculpa, eles estabeleceram um sistema de castas, correram para se prepararem para a guerra e conquistaram colônias tropicais ... Eles aspiram a sentar-se entre as grandes nações que arbitram o destino dos “tipos inferiores sem lei” e às vezes ficam com vergonha até do grande número de “novos” brancos que sua democracia aceitou no país e no poder. Contra esse avanço dos irlandeses e alemães, dos judeus russos, eslavos e “dagos” [portugueses, italianos e espanhóis], suas barreiras sociais não valeram, mas contra os negros ela assume sua posição firme e imóvel, apoiada por essa nova política pública da Europa. Eles [EUA] treinam seus imigrantes nesse desprezo pelos “negros” desde o dia que desembarcam, e estes carregam e levam de volta as notícias às classes baixas de suas pátrias" (DU BOIS, 1999 [1920], 28).



Aqui podemos ver como Du Bois era perplexo com o fato de que os negros estavam nos EUA há gerações e as barreiras sociais, políticas e econômicas nunca foram, de fato, levantadas para eles, ao contrário do que acontecia com imigrantes europeus. Muitos imigrantes europeus não eram bem-vindos quando chegavam, sendo estigmatizados e inferiorizados, mas depois de um tempo (gerações) eles conseguiam ser relativamente incorporados como parte da “família americana”, a qual é baseada na branquitude (irlandeses, poloneses, judeus russos). Muitos desses “novos grupos” de pessoas foram “autorizados” a serem incorporadas ao corpo político e social dos EUA, mas não os negros. Além disso, Du Bois aponta para o fato de como, a partir de sua chegada em solo estadunidense, esses imigrantes eram socializados nos valores da supremacia branca do país, aprendendo e reproduzindo assim o sistema racial local que os dava privilégios em relação à população negra (inferiorizada e excluída).

Essas discussões de Du Bois, relacionando “raça” e classe, assim como racismo, colonialismo e capitalismo, influenciou e continua a influenciar diversas discussões contemporâneas. Cedric J. Robinson, por exemplo, em seu livro *‘Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition’* (1983), utiliza-se das discussões de Du Bois para cunhar o termo “capitalismo racial”, o qual denota que o desenvolvimento histórico do capitalismo e do racismo, assim como “raça” e classe, são inseparáveis. Tal conceito ressurgiu nos estudos teórico-críticos sobre economia política contemporânea (Myers, 2019; ver também Kelley, 2017; Dawson e Francis, 2016; Melamed, 2015). A discussão de “branquitude” enquanto uma remuneração, “um salário público e psicológico”, também continua a influenciar todo um campo de estudo que examina as intersecções entre os interesses de classe e a identidade racial, como, por exemplo, os importantes trabalhos de David Roediger, *The Wages of Whiteness: Race and the Making of the American Working Class* (1991), e de Noel Ignatiev, *How the Irish Became White* (1996).

CONCLUSÃO

Apesar da sociologia *mainstream*, predominantemente branca, continuar a ignorar o pioneirismo de Du Bois e o seu papel como um dos fundadores da disciplina nos EUA, estudiosos tem cada vez mais analisado o legado de Du Bois e sua importância crítica na história da sociologia estadunidense e mundial. Como demonstrei neste artigo, Du Bois



ofereceu análises científicas importantes para as grandes questões sociais, culturais, políticas e econômicas do século XX. Sua análise sociológica crítica e (proto) interseccional, a qual demonstra conexões entre, e é simultaneamente crítica ao racismo, sexismo, capitalismo e colonialismo, não apenas precedeu, mas também continua a influenciar discussões sobre gênero, “raça” e classe presentes nos debates contemporâneos da sociologia de gênero, do feminismo negro e interseccional, assim como do marxismo e da “teoria crítica da raça”.

Ao apontar e questionar, por exemplo, o papel e a posição (socialmente construídos) da mulher na sociedade, e as ideias dominantes acerca da feminilidade e da maternidade, Du Bois ofereceu contribuições importantes para o que depois passou a ser instituído como sociologia de gênero. Du Bois também apresentou relevantes reflexões que anteciparam e influenciaram discussões contemporâneas presentes no feminismo negro e interseccional ao demonstrar que a ideia dominante de feminilidade não era vivida da mesma maneira por mulheres brancas e pretas; que mulheres negras possuíam um papel central na manutenção do sistema escravocrata, assim como do capitalismo; que as categorias de gênero e “raça” são, uma ao lado da outra, uma das maiores e essenciais causas na luta contra as desigualdades modernas; que divergências, conflitos e opiniões públicas emergiam a partir de diferenças existentes dentro da “comunidade negra”, refutando assim não apenas ideias monolíticas e essencializadas sobre “solidariedade e comunidade negra”, mas também sobre “raça”. Além disso, ao relacionar, em suas análises, “raça” e classe, assim como colonialismo e capitalismo, Du Bois também precedeu e continuou a influenciar diversas discussões contemporâneas presentes nos estudos sobre movimento dos trabalhadores, racismo, capitalismo e identidade de classe e racial. Du Bois não apenas ressaltou o fracasso dos movimentos dos trabalhadores em fundir as lutas por questões de classe e racial, como também dialogou criticamente com a teoria Marxista para demonstrar como o “marxismo clássico/ocidental” falhou em explicar o caráter racial do capitalismo e da luta dos trabalhadores.

Assim, a obra de Du Bois ofereceu e continua a oferecer sérias contribuições para o conhecimento social, ajudando-nos a compreender (e a criticar) simultaneamente o racismo, sexismo e capitalismo como sistemas (interligados) de exploração, marginalização e violência.

Disponível em: <http://dialogoglobal.com/texts/grosfoguel/Grosfoguel-Decolonizing-Pol-Econ-and-Postcolonial.pdf> (acessado em 5 de Janeiro de 2015).

GILLMAN, S; WEINBAUM, A E. *Next to the Color-Line: Gender, Sexuality, and W.E.B. Du Bois*. Minneapolis: University of Minnesota Press: 2007

Hall, Stuart. *Race, the floating signifier*, Northampton, MA: Media Education Foundation: 1997.

HANCOCK, Ange-Marie. W.E.B. Du Bois: Intellectual Forefather of Intersectionality? *Souls*, v. 7, n. 3-4, 2005, p. 74-84

HARJUNEN, H. Report Analysing Intersectionality in Gender Equality Policies for Finland and the EU. *QUING Project, Vienna: Institute for Human Sciences (IWM)*, 2008. Disponível em: http://www.quing.eu/files/results/ir_finland.pdf (acessado em 4 de Março de 2014).

HOOKS, bell. *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*, Boston: South End Press: 1981

IGNATIEV, Noel. *How the Irish Became White*. New York: Routledge: 1996.

JACKSON, S.; SCOTT, S. *Gender: A sociological reader*. London: Routledge: 2002.

JAMES, Joy. *Transcending the Talented Tenth: Black Leaders and American Intellectuals*. New York: Routledge: 1997

KEISTER, Lisa A. *Inequality: A Contemporary Approach to Race, Class, and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press: 2011.

KELLEY, Robin D. G. "What Did Cedric Robinson Mean by Racial Capitalism?" *Boston Review*, January 12, 2017.

LEVERING LEWIS, David. *W.E.B. Du Bois: Biography of a Race 1868–1919*. New York: Henry Holt: 1993

MARTINS JR, Angelo. Building a dialogue between feminist, post-(de)colonial and Bourdeusian studies to analyse the production and negotiation of difference in a world on the move: the case of Brazilians in London. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 8, 2018: p. 33-57.

MCCLINTOCK, Anne. *Imperial Leather*, London: Routledge: 1995.

MELAMED, Jodi. "Racial Capitalism," *Critical Ethnic Studies* 1, no. 1, 2015, p. 76-85

MOHANTY, Chandra T. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses. *Feminist Review*, v. 30, 1988, p. 60–88.

MORRIS, Aldon D. *The Scholar Denied: W.E.B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology*. Berkeley: University of California Press: 2015.

MYERS, Ella. "Beyond the Psychological Wage: Du Bois on White Dominion." *Political Theory*, vol. 47, no. 1, 2019, p. 6–31

NIELSEN, Aldon. Review of *Next to the Color Line: Gender, Sexuality, and W. E. B. Du Bois*. *Comparative Literature Studies*, vol. 45 no. 4, 2008, p. 527-530.

PUWAR, Nirmal. *Space Invaders: race, gender and bodies out of place*. London: Berg: 2004

RABAKA, Reiland. *W.E.B. Du Bois: A Critical Reader*. New York: Routledge: 2017

ROBINSON, Cedric J. *Black Marxism: The making of the Black Radical Tradition*. London: Zed Press: 1983.

ROEDIGER, David. *The Wages of Whiteness: Race and the Making of the American Working Class*. London: Verso: 1991.

SEIDMAN, S. *Difference Troubles: Queering Social Theory And Sexual Politics*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

SHOHAT, Ella. Notes on the "Post-Colonial". *Social Text*, v. 31/32, 1992, p. 99–113.

SUGGS, Jon-Christian; SMITH, Dale E. Du Bois, W. E. B. *The Encyclopedia of African American History, 1896 to the Present*. Oxford African American Studies Centre, 2009. Disponível em: <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref-9780195301731-e-45500> (acessado em 5 de Agosto 2017).

WATKINS, Valethia. Votes for Women: Race, Gender, and W.E.B. Du Bois's Advocacy of Woman Suffrage. *Phylon*, v. 53, n. 2, 2016, p. 3-19.

_____. "Votes for Women: W.E.B. Du Bois and the Politics of Race in the Woman Suffrage Movement." *African Journal of Rhetoric*, v. 8, n. 1, 2016b, p. 97-124.

Recebido em 30/07/2020

Aprovado em 15/08/2020